

## O HOMEM SEM IDENTIDADE: REFLEXÕES SOBRE A ESFERA DO TRABALHO

Shirlene Rohr de Souza<sup>1</sup>



**Resumo:** *Propõe-se uma reflexão a respeito do homem e das atividades que ele desempenha. O homem contemporâneo, pressionado pelas inúmeras exigências da vida moderna, entrega-se a um trabalho sem fim, inúmeras vezes repetido e muitas vezes destituído de um sentido final. Hannah Arendt, em A condição humana, discute as circunstâncias que levaram o homem a se mover no ciclo vicioso do trabalho-consumo, do qual não consegue se libertar e que o condena a formar com os outros uma massa humana apolítica que não se dá conta da perda das identidades.*

**Palavras-chave:** *Homem Contemporâneo – Trabalho – Identidade*

**Resumen:** *Una reflexión a respecto del hombre y de las actividades que él desempeña. El hombre contemporáneo, bajo la presión de las inúmeras exigencias de la vida moderna, se entrega a un trabajo sin fin, inúmeras veces repetido y muchas veces destituído de un sentido final. Hannah Arendt, en A condição humana, discute las circunstancias que llevaron el hombre a moverse en el ciclo vicioso del trabajo-consumo, del cuál no consigue liberarse y que lo condena a formar con otros una masa humana apolítica que no se da cuenta de la pérdida de las identidades.*

**Palabras clave:** *Hombre Contemporáneo - Trabajo - Identidade*

### Os sísifos contemporâneos

Para iniciar esta discussão a respeito da esfera do trabalho, convém lembrar a história de Sísifo, a partir de uma síntese colhida em ensaio de Albert Camus:

Os deuses tinham condenado Sísifo a empurrar sem descanso um rochedo até ao cume de uma montanha, de onde a pedra caía de novo, em conseqüência do seu peso. Tinham pensado, com alguma razão, que não há castigo mais terrível do que o trabalho inútil e sem esperança. (CAMUS, [s.d.], p.174).

A dimensão do castigo de Sísifo só pode ser compreendida quando se pensa na inutilidade de seus esforços, afinal, seu trabalho nada transforma, nada constrói, nada muda. E pior: o anti-herói deve repetir os mesmos gestos infinitamente, sem nada ver como real fruto de seu trabalho. O castigo de Sísifo pode até parecer ameno se comparado ao de outros condenados — veja-se o caso de Atlas, o titã condenado a segurar todo o peso da Terra nos ombros, ou de Prometeu, condenado a ver o seu fígado (que se regenerava à noite), devorado todos os dias por águias famintas. O castigo de Sísifo também pode parecer distante no tempo, dado mesmo o seu caráter mitológico. Todavia, seu esforço não é nem ameno, nem distante: o pesado castigo está muito

próximo da realidade do homem. O seu rochedo parece ter-se multiplicado em incontáveis outros rochedos invisíveis, empurrados “montanha” acima pelos mortais racionais. Invisíveis, mas cuja materialidade é percebida pelo homem, que sente o seu peso a cada manhã, quando se prepara para uma nova jornada. Assim é que o mito de Sísifo ainda é revivido pelo homem contemporâneo, que também se empenha em tarefas repetitivas, muitas vezes pesadas, muitas vezes sem esperança, tantas vezes inúteis.

Apesar de também ser trágico, Camus alerta que o homem contemporâneo é movido pela esperança, o que não ocorria a Sísifo, que tinha plena consciência de sua eterna dor. Ao contrário de Sísifo, o homem tem o alento da esperança: esperança de que um dia possa ser sempre melhor que o outro; esperança de que tudo possa mudar para melhor; esperança de que os filhos possam ter melhor sorte... Enfim, a esperança resguarda o homem da consciência de seu trágico destino. Por isso, esse homem dá-se a suas tarefas sem queixas, religiosamente agradecido por seu destino não ser ainda pior.

### Heranças culturais

As diversas culturas e sociedades constituídas pelo homem guardam suas particularidades em relação ao trabalho: divisão de trabalho entre homens e mulheres; participação de velhos e



crianças; o valor de cada atividade, entre outras. Entretanto, ao menos na cultura Ocidental, o trabalho associa-se a um campo fortemente negativo, visto que facilmente é ligado a situações de desconforto, tensão, enfado e desânimo; é como se o trabalho fosse mesmo uma tortura. Mas por que o trabalho do homem se assemelha a um castigo? Que aspectos são associados à esfera do trabalho, capazes de assemelhar atividades cotidianas a um enorme bloco de pedra?

Na impossibilidade de discutir a esfera do trabalho em todas as culturas, convém centrar as discussões sobre a cultura Ocidental, fortemente influenciada pelas culturas greco-latina e judaico-cristã. Tanto de uma cultura como de outra, recebemos influências que incidiram diretamente sobre a construção do conceito de trabalho.

Da cultura greco-latina, herdou-se a concepção básica de organização da sociedade moderna e democrata, bem como a estruturação de algumas línguas e a forma de relacionar-se com as Artes. Dessa cultura herdou-se, também, a concepção de trabalho como uma atividade menor, que deveria ser destinada a escravos, mulheres, estrangeiros e libertos. A valorizada esfera política, espaço permanente de discussões e decisões importantes relativas à *polis*, destinava-se a poucos homens, cujas posses permitiam o afastamento das obrigações cotidianas e dos esforços diários necessários à sobrevivência. Mais tarde, até mesmo esse modo de vida será encarado pelos filósofos como uma atividade evitada das necessidades que cerceiam a vida do homem. Assim, na mais referida<sup>2</sup> civilização da Antigüidade, o valor dado ao trabalho era apenas secundário.

Por outro lado, a cultura Ocidental constituiu-se também do pensamento judaico-cristão, do qual se herdou principalmente a ordem religiosa com os seus pilares fundantes: a imortalidade da alma e, ainda, sua salvação ou condenação. No que tange à relação de trabalho, o legado é de cunho negativo, visto que a palavra "trabalho" associa-se ao castigo que Adão recebeu ao ser expulso do jardim.

Durante séculos, na cultura Ocidental, persistiu a idéia de que trabalho era mesmo castigo. Acreditava-se que a vida na Terra era apenas uma passagem necessária a caminho do Céu, o paraíso cristão a ser conquistado com boas obras, fé e padecimento do corpo. As riquezas e o conforto ofuscariam os prazeres do Céu, por isso a vida terrena deveria ter bastante sofrimento e trabalho duro para a devida valorização da

imortalidade. Fadigas e penas compõem, portanto, uma preparação da alma para a vida imortal e serena no Céu. Contudo, após o advento da Reforma, houve uma grande mudança no pensamento cristão, iniciado, principalmente, nos países do norte europeu.

O trabalho passou a ser visto como uma capacidade dada ao homem para transformar-se e, ao mesmo tempo, transformar a comunidade e a natureza. Para essa nova tendência no cristianismo, uma outra forma de interpretar a predição dada a Adão: o castigo não seria castigo, mas algo ligado à compensação pela perda de propriedade (o jardim, do qual fora expulso com a família). Essa mudança foi tão expressiva no comportamento dos cristãos protestantes que ajudou a impulsionar um sistema econômico nascente, o que muito bem observou e sistematizou Max Weber (2004). De fato, o novo código de posturas adotado pelos protestantes (muito trabalho e prosperidade como sinal de predestinação) associou-se com muito êxito à lógica do capitalismo.

Assim, da cultura judaico-cristã ficaram para o Ocidente duas faces da mesma moeda-trabalho: para uns, não-abençoados por Deus, o trabalho é mesmo castigo. Por outro lado, o trabalho pode ser uma fonte de bênçãos e prosperidade se realizado com amor, dedicação e observação aos princípios cristãos da convivência.

A partir das heranças culturais, que constituem uma espécie de patrimônio latente, é possível compreender melhor a relação do homem ocidental com o trabalho; é possível entender a sua histórica desconfiança pelas atividades que precisa desempenhar e executar para sobreviver.

### **Trabalhadores contemporâneos: a massa sem identidade**

Em *A condição humana* (2001), Hannah Arendt faz uma minuciosa análise das transformações ocorridas no tratamento que o homem dispensou às necessidades corporais, aos afazeres domésticos, à fabricação do mundo no qual se instala, à política e ao pensamento. Sob a perspectiva do homem contemporâneo, todas estas atividades poderiam ser resumidas na palavra "trabalho", porém, Arendt usa as palavras "labor", "trabalho" e "ação" para classificá-las, levando em consideração, entre outras coisas, as necessidades vitais do homem, o desejo de fabricar

objetos mundanos capazes de transcender a existência do fabricante e o discurso, qualidade que garante a formação de *corpus* políticos sólidos e duradouros. A partir dessa linha de discussão, Arendt mostra o quanto o homem, em seu curso histórico, atribui diferentes valores às atividades que desempenha e aos objetos que constrói e consome. A pensadora alemã mostra como as transformações influenciaram, ou mesmo determinaram, as novas dimensões sociais e culturais alcançadas pelo homem na contemporaneidade e como elas atingiram a relação do homem com o trabalho e consigo mesmo.

É preciso considerar, de acordo com Arendt, que a sociedade, em suas constantes mutações, viveu diferentes formas de pensar o homem, em oposição ao grupo maior, no qual ele está inserido. Assim, temos, na Antigüidade, a esfera da vida privada e a esfera da vida pública; com novos padrões estabelecidos, paulatinamente, passou-se a pensar em esfera particular e em esfera social; com um grande salto de séculos, a burguesia fez surgir os interesses pessoais e os interesses coletivos; hodiernamente, fala-se em interesses individuais em oposição à sociedade de massa.

É natural pensar que, em cada uma dessas etapas, há variações expressivas no comportamento da sociedade e, conseqüentemente, na formação e reformulação de conceitos e, finalmente, no modo como o homem se relaciona com o mundo e com o outro. Gradativamente, imbuído dos ares de seu tempo, o homem vivencia essas transformações sem, no entanto, perceber-se como ator dessas mudanças, pois nunca lhe foi possível ter uma plena consciência de sua participação na sociedade; nunca lhe foi possível dar conta de perceber, relacionar e dominar todos os acontecimentos à sua volta, nem compreender todas as articulações que tramam o grande tecido do desenvolvimento social, político e econômico. E, ao menos no que tange especificamente à esfera do trabalho, o desenrolar dessas formas de pensar o individual e o coletivo sempre esteve intimamente relacionado a fatores econômicos.

### **Vita Activa - a ótica de Hannah Arendt**

Arendt, em seus escritos sobre a condição humana, debruça-se exatamente sobre as atividades do homem, o que ela chama de *Vita Activa* (2001). Esta expressão, tal como usa Arendt, não coincide com o sentido que os antigos

filósofos gregos lhe davam. Para os filósofos da antiga Grécia, a expressão dizia respeito apenas às atividades que eles consideravam “elevadas”, ou seja, relacionadas aos assuntos públicos da *polis*. Por essa razão, os gregos excluía da *Vita Activa* as ocupações que aprisionavam o homem pela necessidade, como o trabalho e o labor. Contudo, ainda na Antigüidade, os próprios filósofos submetem esta expressão a uma mudança: mesmo o modo mais elevado de vida, dedicado aos assuntos da *polis*, estava submetido às necessidades do cotidiano. Por isso, eles passaram a opor *Vita Activa* à expressão *Vita Contemplativa*, sendo que esta passou a expressar o modo de vida dos filósofos, um modo de vida dedicado à elevada tarefa de contemplar e pensar assuntos metafísicos.

Arendt reconhece o peso da tradição filosófica que essa expressão carrega, mas prefere assumir o sentido que a expressão *Vita Activa* recebe a partir da Idade Média, quando “labor” e “trabalho” passam a ser atividades valorizadas — graças à força do cristianismo — e, por isso, passam a compor o leque de atividades da *Vita Activa*. Dessa forma, toda a discussão que aqui se concentra diz respeito ao sentido assumido por Arendt, que propõe uma divisão orientada pelo tipo de atividade desenvolvida pelo homem e a relação que essa atividade mantém com a natureza e com o resultado de seus esforços. A autora desenvolve questões específicas para o *animal laborans* e para o *homo faber*. Também desenvolve uma discussão sobre o modo de vida que se funda no discurso, a ação, ou, como os gregos chamavam, o *bios politikos*.

O *animal laborans* envolve-se em atividades puramente instintivas; as atividades do *animal laborans* são motivadas pela necessidade imediata. Trabalha-se para comer; trabalha-se para viver; trabalha-se para sobreviver. Por isso, o trabalho escravo e o trabalho doméstico são, em sua essência, associados ao trabalho do *animal laborans*, pois pouco importa a criatividade; o que importa é a execução da atividade. Arendt classifica as atividades do *animal laborans* como “labor”, não como “trabalho”.

O *homo faber* envolve-se em atividades efetivamente transformadoras: ele cria objetos para si, com finalidade última. O *homo faber* domina todo o processo de construção. Sua criatividade é instigada pelo secreto desejo de imortalidade, o que o deixa muito próximo ao espírito cristão. Os

objetos criados pelo *homo faber* são construídos para a posteridade, como se eles fossem uma compensação pela fugacidade da existência humana, ou como se representassem sua inconformação pela vida finita.

Opõe-se ao modo de vida subjugado pelas premências da vida terrena o *bios politikos* que se envolve em atividades que exigem, principalmente, a sua capacidade discursiva. É a atividade que se dá na relação direta com a comunidade. Esse modo de vida associa-se ao trabalho dos líderes, que pensam e organizam a sociedade; os resultados das atividades do homem político determinam as regras que devem orientar as ações dos outros homens. Historicamente, essas atividades estiveram associadas ao poder vigente, mesmo que a capacidade de articular-se politicamente em pequenos grupos seja própria de todo homem.

### **O trabalho sem sentido e o homem sem identidade**

Essas diferenças não pressupõem uma classificação histórica, por sociedades, como se elas fossem produtos de momentos estanques. Modos de vida submetidos às necessidades da vida e modos de vida dedicados aos prazeres da vida podem conviver num tempo sincrônico. No entanto, as características e as circunstâncias de um determinado tempo histórico podem fazer com que as atividades relacionadas a um modo de vida recebam valores diferentes, fazendo com que uma atividade seja mais prestigiada que outra. Assim é que o artesão da Idade Média, por exemplo, exímio *homo faber*, tinha o seu trabalho reconhecido pela sociedade em que estava inserido. Os objetos produzidos por eles eram consumidos por todos os estratos sociais que constituíam a sociedade daquele momento; todos sabiam de onde vinha determinado objeto e quem havia dado a ele aquela forma. Mas o desenvolvimento econômico fez a sociedade substituir o artesão pelo operário, participe dos processos de mecanização e produção de objetos em grande número e em tempo mínimo. Começa a surgir, nesse momento, uma nova categoria de trabalhadores, envolvida em um trabalho automatizado, que produz em série, sem domínio de início e fim do processo de construção dos objetos. Mas, ainda assim, durante algum tempo, os operários envolviam-se em processos de

produção voltados para suprir necessidades criadas pela sociedade. Hoje, essa produção de objetos deixou de estar vinculada a uma necessidade do homem; agora, a produção de objetos vincula-se mais a uma vontade de consumir variações de um mesmo produto. A produção passou a se relacionar diretamente com um novo tipo de prazer, particular à sociedade de massa: o mero prazer de consumir.

Já sem o domínio do processo de construção, o homem perdeu o sentido final de seu trabalho. Para quê ele produz? Para quem ele produz? Para quantos ele produz? O destino de tudo o que é produzido é o consumo de uma sociedade de massa que, alheia à perversidade do sistema, consome cada vez mais e exige cada vez mais.

A sociedade de massas é a sociedade do consumo desenfreado que se envolve em um tipo de trabalho muito semelhante ao castigo de Sísifo: não há um sentido final atribuído àquilo que produz. Assim como Sísifo, o trabalhador das sociedades de massa não vê finalidade no que faz e nem mesmo consegue enxergar uma saída para dar um ponto final ao processo excessivo de produção.

Em uma sociedade de massas, não importam as relações interpessoais, e as relações interdiscursivas de afeto cada vez mais perdem espaço, visto que o jogo do poder se inscreve fortemente no discurso e interdita as ameaças contra a ordem instaurada. Tudo está na ordem do discurso, como nos lembra Foucault (1996). Aliás, a serviço do poder, o discurso voltou a ser mencionado como mero instrumento de comunicação, demonstrando que, nestes tempos, importa menos a sua capacidade fazer interagir os sujeitos.

A sociedade de massas é constituída de homens sem identidade. É constituída de homens que – por mecanismos extremamente eficientes – tiveram seu comportamento e sua linguagem padronizados. Inserido na sociedade, agora, há o indivíduo desejoso de ser igual ao outro e ter aquilo que o outro possui. O indivíduo contemporâneo usa a sua força para produzir dinheiro e dinheiro para consumir felicidade. Assim é que ele é consumido pelo sistema, que encobre o seu rosto e rouba-lhe a voz, perigo contra o qual Marx (1998) já havia alertado.

Arendt mostra, assim, o inacreditável retorno da humanidade ao estágio em que predominava a atividade do *animal laborans*. Novamente, o

interesse do homem passou a ser exclusivamente a sua própria sobrevivência. O homem desinteressa-se pelos acontecimentos políticos e exime-se de qualquer decisão que possa ser de interesse de todos. Ele prefere voltar-se para si mesmo, ou seja, voltar-se para aquilo que julga ser a coisa mais importante do mundo: ele mesmo.

### **Sísifo: uma última consideração**

Para encerrar, é preciso retornar ao mito de Sísifo, a fim de iluminar um aspecto que nesta discussão ficou oculto: Sísifo, contrariando uma lógica vigente e dominadora, acreditou em si mesmo. Ele, um simples mortal, teve a ousadia e a coragem de contrariar os deuses e enfrentá-los. Enquanto pôde, enquanto vivo, ele se recusou a aceitar o destino que os deuses lhe haviam reservado. Credo em si mesmo, ele conseguiu água cristalina para a cidade de Corinto; credo em si mesmo, impediu a sua morte prematura; credo em si mesmo, fugiu dos infernos, com o consentimento do ludibriado Hades; por crer tanto em si mesmo, conseguiu viver até a velhice e com qualidade de vida: à beira-mar, vendo o sol nascer e se esconder todos os dias.

Seria, então, possível ao homem contemporâneo contrariar a lógica capitalista? É possível que o homem possa romper com a superestrutura imposta pelo Mercado, impiedoso deus dos tempos modernos? É possível se rebelar contra a sociedade de massas e lutar por uma sociedade de identidades, em que os discursos sejam ouvidos e que os desejos não se confundam com o consumo? De qualquer forma, ao homem

contemporâneo resta a condição de perpetuar o mito de Sísifo, seja pelo trabalho repetitivo, regulado e controlado, seja pelos momentos em que o anti-herói, vivo e revoltado, enfrenta os deuses — mesmo sabendo que sua rebeldia não ficaria impune — e tenta mudar o seu destino.

1- Mestre em Estudos Literários pela UFES e docente da UNEMAT, campus universitário de Alto Araguaia, na área de Língua Portuguesa.

2- Evitou-se, deliberadamente, usar a palavra “desenvolvida” para a antiga civilização grega.

Aceito para publicação em 10/10/2007.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. Tradução de R. Raposo. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

CAMUS, Albert. *O mito de Sísifo*. Tradução de U. T. Rodrigues. Lisboa: Livros do Brasil, [s.d.].

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução de L. F. de A. Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A ideologia alemã*. Tradução de L. C. de C. e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

WEBER, Max. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo*. Tradução de J. M. M. de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.